

Errância, símbolo e rivalidade na saga de um diamante

Uma análise de “Na noite do ventre, o diamante”, de Moacyr Scliar

RAFAEL BÁN JACOBSEN

Graduado e mestre em Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, professor,
pianista e escritor¹; trabalha como físico na Universidade Federal do Rio Grande do Sul

COM A MORTE DO ESCRITOR MOACYR SCLiar, EM FEVEREIRO DE 2011, ABRIU-SE uma lacuna no panorama das letras brasileiras; todavia, a falta que esse prosador fará à literatura gaúcha em particular é ainda mais significativa. De fato, o prolífico autor do Bom Fim ocupava, já há vários anos, a simbólica posição de locomotiva do beletrismo sul-riograndense. Como afirmou o escritor José Antônio Silva, em seu artigo “Scliar e a sucessão literária”:

Porto Alegre e o Rio Grande, creio eu, têm dimensão para suportar (em todos os sentidos) um grande nome da literatura por vez – ideia que me vem à mente agora com a morte de Moacyr Scliar. (...) O fenômeno de um grande nome por época, no sistema literário, talvez seja típico de culturas menos cosmopolitas. (...) Fato é que a morte de Scliar, como toda a morte, deixa um vácuo. No caso dele, no cenário das letras. (SILVA, 2011)

José Antônio Silva observa que, nas últimas décadas, três escritores alternaram-se como figura de proa de nossa literatura: Erico Verissimo, Mario Quintana e Scliar. Essas três figuras destacaram-se sobremaneira porque foram capazes de personificar alguns atributos essenciais, raramente encontrados conjuntamente em outros autores: talento, reconhecimento crítico e, principalmente, forte empatia popular. Enquanto o Rio Grande do Sul se pergunta quem será o próximo escritor a ocupar a cabeceira na mesa de nosso festim das letras, fica, em nossas mãos, o testamento estético representado pelas últimas obras publicadas por Scliar. Entre elas, uma das mais ricas em possibilidades de leituras é “Na noite do ventre, o diamante”.

O romance “Na noite do ventre, o diamante”, que viria a ser um dos finalistas do 48º Prêmio Jabuti de Literatura, foi lançado em 2005, encerrando a série Cinco Dedos de Prosa, um projeto da Editora Objetiva no qual cinco autores convidados deveriam conceber uma narrativa longa inspirada em cada um dos dedos da mão. Sobre o escritor gaúcho, recaiu o desafio de ficcionalizar o anular, e, para cumprir tal missão, Scliar aproveitou uma ideia que já há algum tempo lhe instigava: contar a história de um diamante que percorresse o mundo e atravessasse gerações, testemunhando fatos históricos, gerando conflitos, revolvendo sentimentos e vidas.

A narrativa se inicia *in medias res*, quando, no começo do século XX, em Vladovanka, pequena aldeia no sul da Rússia, seguindo a tradição de todas as sextas-feiras, o casal Itzik e Esther Nussembaum se prepara para receber o shabat junto com os filhos Guedali e Dudl. Diante da mesa posta e das velas acesas, Esther costumava exibir sua mão maltratada pelos trabalhos domésticos e, erguendo o anular, indagava: “Olhem e

me digam o que é este dedo? Hein? O que é este dedo?” (SCLIAR, 2005, p. 09). Ela mesma respondia: não era nada aquele dedo. A seguir, colocando um antigo anel de diamante no anular, exultava: “Agora eu sou outra. Agora, sim, eu sou uma mulher. (...) Este diamante me transforma numa dama. Por isso, queridos, sou grata a esta pedra. Ela veio de longe, de muito longe, para me dar um pouco de alegria, um pouco de conforto.” (SCLIAR, 2005, p. 10-11) Na sequência, uma longa *analepsis* conduz às aventurescas origens do diamante no Brasil do século XVII e a seus caminhos tortuosos – da América à Rússia, passando pela Holanda.

A história da pedra começa em um esquecido vilarejo de Minas Gerais, o Arraial da Cabra Branca, fundado por Álvaro Góis, um bandeirante que, tendo partido de São Paulo em busca de esmeraldas, acabara por se desgarrar do seu grupo e se estabelecer na região para criar cabras. É nesse lugar que, décadas depois, Gaspar Mendes, um cristão-novo, descobre uma mina de diamantes e, escapando da Inquisição, leva consigo algumas pedras para a Holanda. Em Amsterdã, Gaspar Mendes entrega os diamantes aos cuidados de seu afilhado Rafael Fonseca, exímio lapidador e discípulo do filósofo Spinoza. O famoso pensador racionalista, aliás, desponta como uma das personagens mais marcantes da obra, tanto pelo retrato humano e, em certos aspectos, quase corriqueiro que Scliar faz dele quanto pelas reflexões acerca da existência humana, do conhecimento e dos valores sociais e religiosos que o escritor insere em suas falas, considerações absolutamente atuais, como aquela que Spinoza tece acerca das habilidades políticas do Padre Antonio Vieira: “Fazer política é diferente de filosofar, meu caro; em filosofia, podemos trabalhar com ideias puras, em política há que fazer concessões.” (SCLIAR, 2005, p. 53) Diogo Morei-

noza, encanta-se obsessivamente pelos diamantes que Rafael lapida e foge da cidade, levando um deles consigo. Após andar quase sem rumo e atravessar vários países, remoído por um sentimento de culpa cada vez maior, Diogo chega à aldeia de Vladovanka, onde é acolhido pelo único judeu do lugar, um velho e solitário carpinteiro. Porém, pouco tempo depois, Diogo cai doente e morre, deixando, com seu benfeitor, o diamante roubado e um diário no qual havia registrado parte de suas memórias e tudo o que sabia sobre a origem da pedra preciosa. A partir daí, nas palavras do próprio Scliar, “diamante e caderno foram passando de geração em geração, na remota Vladovanka, até chegar a Itzik Nussembaum, que, ao casar, deu a pedra, agora engastada em anel, à mulher”. (SCLIAR, 2005, p. 69)

De volta ao ponto de partida, a narrativa apresenta a família Nussembaum em fuga depois da revolução de 1917. Para evitar os saqueadores, os pais obrigam os filhos a engolir seu único bem valioso: Dudl engole o aro de ouro do anel; Guedali, o diamante. Esperava-se que, passado o perigo, os meninos evacuassem e, assim, restituíssem o tesouro à família. De fato, o anel é recuperado; no entanto, o diamante fica preso no intestino de Guedali, retido em um divertículo, e, já estabelecidos em São Paulo, os pais procuram um médico para extraí-lo da barriga do filho, mas Guedali, em pânico, foge da sala de cirurgia. Esse episódio acirra a rivalidade entre os irmãos, e Dudl, sempre invejoso das atenções recebidas pelo primogênito, vê, na recusa do corpo de Guedali em devolver o diamante, um ato de traição dele contra a família. Após a morte dos pais em um acidente, os irmãos são separados; porém, a inimizade entre eles se mantém. Passados dez anos, Dudl processa judicialmente o irmão, exigindo o diamante sob a alegação de este ser parte da herança familiar. A par-

tir de então, a vida de Guedali sofrerá novas reviravoltas, e o diamante que ele carrega nas entranhas se revelará, ao mesmo tempo, constante atrator de perigos e força motora que impele seu involuntário portador ao encontro de um destino que há muito parecia traçado.

A trama de “Na noite do ventre, o diamante” concentra uma miríade de temáticas, e, dentre elas, três se destacam sob a óptica de uma leitura judaica: a rivalidade entre irmãos, o estigma da errância e a secular relação entre os judeus e os diamantes. Guedali e Dudl reencarnam o clássico conflito entre homens gerados pelo mesmo ventre, tema presente em diversas mitologias, inclusive nos mitos etiológicos do Judaísmo. Na Torá, encontramos a história de Caim e Abel – na qual Caim, irado por Deus não ter atentado para sua oferta, apenas para a oferta de seu irmão, volta-se a este com fúria homicida (Gênese, 4,1 – 4,18) –, o episódio de Esaú e Jacó – em que se conta como o mais novo, Jacó, predileto de sua mãe Rebeca, decide enganar o velho pai Isaac por ciúmes dos direitos que cabem ao primogênito Esaú (Gênese, 27,1 – 33,17) – e, ainda, a saga de José – o filho temporão que, por conta dos sonhos premonitórios que tem e do favoritismo do pai, é traído e vendido como escravo pelos próprios irmãos (Gênese, 37,1 – 50, 26). E, como ocorre em tais narrativas, a ligação entre Guedali e Dudl firma lastro nos sentimentos da inveja e do ciúme, porque Dudl “tinha com o irmão, dois anos mais velho, uma relação complicada; amava Guedali, que cuidava dele e contava-lhe belas histórias, mas ao mesmo tempo invejava-o por ser o primogênito, e invejava-o sobretudo pela atenção que a mãe lhe dava”. Assim como na narrativa de Caim e Abel, Dudl ameaça a vida de Guedali, mas de modo menos direto, na medida em que, exigindo a cirurgia para remoção do diamante, expõe o irmão a um risco real; todavia, no ro-

mance de Scliar, o desenlace não é trágico: está mais próximo do desfecho das duas outras histórias canônicas, culminando em perdão e reconciliação. Desse modo, livres do peso do ódio, da vingança e da morte, Dudl e Guedali são poupados da trágica sina de Caim, que, em punição por seu pecado, foi enviado por Deus a errar por toda a Terra, *ad aeternitatem*.

A história de Caim guarda afinidades com a lenda medieval do Judeu Errante, um morador de Jerusalém que ali trabalhava em um curtume, ou oficina de sapateiro, e que, ao ver Jesus carregando sua cruz pela rua, teria escarnecido do condenado. Jesus, então, o teria amaldiçoado a vagar pelo mundo, sem nunca morrer, até a sua volta, no fim dos tempos (UNTERMAN, 1992, p. 140). Se, por um lado, historicamente, tal lenda supriu uma fundamentação antissemítica para a expulsão dos judeus dos países cristãos, a carga alegórica inerente à figura de um pecador condenado a percorrer o mundo sem esperança de descansar em paz levou, por outro lado, o personagem do Judeu Errante à literatura, enriquecendo-a, inspirando poemas de Shubart, Schreiber, Schlegel, Goethe, Pierre Dupont e Castro Alves, contos e romances de Andersen, Alexander Pushkin, Rudyard Kipling, Charles Dickens, H.G. Wells, Manuel Mujica Láinez, Jorge Luis Borges e até mesmo Machado de Assis, além dos desenhos de Gustave Doré e dos quadrinhos de Will Eisner – todos fizeram uma versão ou colocaram o personagem em seus textos. No livro de Scliar, o mito do Judeu Errante é transportado para a própria pedra preciosa. O diamante, na trama, cristaliza elementos cruciais ao enredo – maldição, medo, vaidade – e, por conta de sua onipresença e força simbólica, adquire status de personagem independente, uma personagem errante que torna também errantes todos aqueles que dela se aposam, de Gaspar Mendes a Guedali Nussembaum,

passando por Diogo Moreino; portanto, o diamante e a dinâmica que ele estabelece na narrativa metaforizam a própria diáspora do povo judeu, que saiu do Egito, fixou-se na Terra Prometida, onde edificou o próspero reino de Davi e Salomão, para depois sofrer com o exílio em duas ocasiões (depois da destruição do Primeiro Templo, no século VI a.C., e após o fim do Segundo Templo, em 70 d.C.), ocasiões que deram início a quase dois mil anos de errância, perseguições e fugas.

Nesse contexto de insegurança, especialmente durante a Inquisição, os diamantes se tornaram um bem de grande valor para os judeus. Pequenos o suficiente para ser escondidos no corpo (e até mesmo engolidos, como narrado em “Na noite do ventre, o diamante”), os diamantes podiam ser trocados por dinheiro em qualquer país da Europa. Para quem vivia sob a ameaça e o medo da expulsão de sua própria casa, as preciosas gemas representavam um meio eficaz de preservar e acumular riqueza. Contudo, a relação entre os judeus e os diamantes vem de ainda antes do estabelecimento das várias instituições dedicadas à supressão da heresia no seio da Igreja Católica e se prolonga até a atualidade, com a indústria de diamantes de Israel, país que, além de sua movimentada Bolsa de Diamantes, conta com oficinas de corte e lapidação concentradas na região de Tel Aviv e Natânia. Na Idade Média, as Índias eram o grande fornecedor de diamantes. Atravessando a Arábia, as caravanas transportavam os diamantes até Aden ou Cairo, onde eram trocados com mercadores judeus por ouro ou prata. Estes, por sua vez, as revendiam a seus correligionários de Veneza, Lituânia ou Frankfurt. Além disso, na Europa cristã, a lapidação de diamantes era um dos poucos ofícios permitidos aos judeus pelas corporações de artes e ofícios medievais. No século XVI, quando os portugueses conseguiram alcançar as Índias por rota transoce-

ânica, os judeus portugueses firmavam acordos com os capitães dos navios para que comprassem os diamantes diretamente dos mineiros de Goa. Assim, Lisboa acabou por se transformar na principal porta de acesso dos diamantes na Europa, e, nessa cidade, foram montadas várias oficinas de lapidação. A indústria de diamantes de Portugal prosperou até o final do século XVI, quando, com o estabelecimento da Inquisição em Portugal, muitos mercadores judeus deixaram Lisboa para se estabelecer, num primeiro momento, em Amsterdã, localidade que logo se converteu em centro diamantário da Europa (MORASHÁ, 2010, p. 71). Em “Na noite do ventre, o diamante”, como ocorre em vários outros livros de Scliar, todo esse arcabouço histórico não surge apenas como adereço ou cenário; os elementos da realidade factual mesclam-se de maneira natural e indissociável com a urdidura ficcional, constituindo um amálgama vivo e pulsante. Os desmandos e a insana obsessão do Santo Ofício em sua caça aos hereges encontram precisa personificação em Pedro do Carmo, o agente inquisidor obcecado em descobrir novos métodos de tortura, mandar infelizes às fogueiras e criar pombos-correio, o perseguidor de marranos que, cegamente, vai ao encalço de Gaspar Mendes, o qual, por sua vez, encarna o típico judeu português da época, refugiado nos Países Baixos, envolvido com a indústria de diamantes, ao mesmo tempo aventureiro, libertário, e apegado à comunidade e à religião. Portanto, em “Na noite do ventre, o diamante”, personagens ficcionais extraem parte de sua ontologia da conjuntura histórica em que estão imersas; mas o movimento oposto também se verifica no texto: personagens reais como Padre Antonio Vieira, Baruch Spinoza e Leon Trotsky acenam com naturalidade nas linhas e entrelinhas, e a presença de cada um deles no enredo, transcendendo a mera citação, justifica-se ao longo livro

através da repercussão dos ditos e feitos de cada um deles sobre a vida das demais personagens.

Através dessa construção dialógica, Scliar consegue, nas pouco mais de 160 páginas do livro, passar, com agilidade, por pontos históricos como as bandeiras, a busca por pedras preciosas no século XVII no Brasil, a perseguição da Inquisição contra os judeus, o florescimento da indústria de diamantes na Europa e a Revolução Russa de 1917. Mas a virtude da agilidade também implica certas fragilidades. O texto enxuto enfraquece as relações, deixando-as menos consistentes. O leitor sente-se carente de certos aprofundamentos, do mais cuidadoso desenvolvimento de algumas tramas e personagens. Exemplos disso são a pouca elaboração psicológica do que há por trás do comportamento do irmão invejoso Dudl e a frustrantemente rápida aparição do revolucionário Avrum na trama, o irmão mais moço de Esther Nussembaum, ardoroso admirador de Trotsky que acaba se alistando na Cavalaria Vermelha e morre antes mesmo de entrar em combate, ao cair de um cavalo, porque – assim pondera Itzik – “judeus e cavalos nunca se deram bem”. (SCLIAR, 2005, p. 76)

A caracterização do diamante como riqueza facilmente transportável, mote central de “Na noite do ventre, o diamante”, pavimenta o caminho para interpretações ulteriores da simbologia presente no subtexto do livro. A errância, fator determinante para o valor (simbólico e material) atribuído aos diamantes pelo povo judeu, foi também decisivo na formação das práticas religiosas e até mesmo da fé entre os judeus. Se os exílios, as expulsões e a ancestral jornada pelo deserto em busca de uma terra de paz e repouso trouxeram a necessidade de uma riqueza material que pudesse ser carregada sem dificuldades, esses mesmos fatores contribuíram para a necessidade de uma riqueza espiritual igualmente portátil. Sem lar fixo e seguro, a divin-

dade adorada pelos hebreus jamais poderia ser identificada com algum lugar específico (ao contrário dos hindus, por exemplo, que, há milênios, consideram sagrado o Rio Ganges, venerando-o na forma da deusa Ganga) ou tampouco poderia habitar um ponto geográfico preciso (ao contrário dos gregos, cujo panteão habitava o Monte Olimpo); quando muito, o deus do povo de Israel poderia habitar um templo móvel, como o tabernáculo, santuário portátil onde, durante o Êxodo e até os tempos do Rei Davi, os israelitas guardavam e transportavam a arca da aliança, a menorá e demais objetos sagrados, além de ali celebrarem os rituais religiosos (Êxodo, 25,1 – 39,38). Mais ainda, a errância pelo deserto sedimentou a fé em um deus único, e o próprio Scliar, em seu livro “Judaísmo – Dispersão e Unidade”, analisa tal correlação:

(...) recuando até os tempos bíblicos de Canaã, (Scliar) desenha com palavras a monotonia do deserto e o Deus único que dele só poderia emergir. É fácil ser politeísta quando a natureza em volta reflete riqueza e diversidade. Mas, no deserto, monotonia é monoteísmo. (COUTINHO, 2011)

Portanto, para o povo judeu, a condição de errância determinou duas necessidades paralelas, a de riqueza material e a de riqueza espiritual transportáveis, o que coloca, em um mesmo patamar dentro de seus respectivos domínios, a figura do diamante e a noção de um deus único, imaterial, invisível, não identificado com fenômenos ou elementos da natureza. Da mesma maneira que cabe a um lapidador dar forma aos diamantes brutos, cabe, em última análise, a cada judeu dar forma ao deus único de seu povo. Ao longo do tempo, a indústria israelense de diamantes se especializou nas pedras “melée”, formadas por duas pirâmides

que produzem um brilhante redondo de 57 facetas, e nas formas chamadas “fantasia”, como as “navettes”, as “baguettes” e outras formas patenteadas; de modo análogo, desde o início dos tempos, diferentes pessoas, em diferentes experiências religiosas, vivenciaram distintas formas para o Deus único: uma chama que arde no meio de uma sarça (Êxodo, 3,2 – 3,4), um humano voltado de costas (Êxodo, 33,18 – 33,23), uma nuvem fulgurante (Êxodo, 40,34 – 40,38), o torvelinho de uma tempestade (Jó, 38,1), dedos de uma mão humana (Daniel, 5,5), etc.

De fato, em “Na noite do ventre, o diamante”, a pedra preciosa surge, em diversos momentos, como uma metáfora de Deus, unificando as duas riquezas do povo de Israel, e não apenas por conta do fascínio misterioso (quase sobrenatural) que exerce sobre as personagens ou pela capacidade de conduzir as suas vidas – o diamante, no livro, é objeto de culto, veneração e indagações típicas da inquietação humana ante o desconhecido e o sagrado:

Rafael era um artífice dedicado e, sobretudo, inspirado (...). Quando recebia um diamante bruto, não se atirava de imediato à tarefa, mesmo que lhe cobrassem urgência. Colocava o diamante sobre a mesa forrada de veludo negro e, verdadeiramente transfigurado, ficava a olhá-lo, a dialogar com ele. Dialogar, sim. Quem és, diamante? De onde vieste? Que forma aspiras a ter? (...) Enquanto isto, a polpa de seus dedos – longos, finos, dedos de artista – acariciava a superfície da pedra que, garantia ele, emitia sinais quase imperceptíveis, tênues vibrações que o orientavam (...). Ah, sim, e como os antigos escribas que copiavam a Bíblia, só começava a trabalhar depois de fazer suas orações e de um ritual de jejum. (SCLIAR, 2005, p. 36)

Nesse sentido, é emblemática uma passagem em que Rafael Fonseca e Spinoza debatem sobre o valor dos diamantes:

Spinoza mirou as pedras de soslaio, fez um comentário qualquer, casual, e voltou às suas lentes. Evidentemente não estava interessado nas pedras. (...) Mesmo assim Rafael ficou magoado. Spinoza sabia que lapidar diamantes era importante para ele (...). Voltou à carga, lembrando a Spinoza que para um grupo humano perseguido, como eram os judeus, diamantes eram mais do que o testemunho de vaidade, eram uma garantia, uma proteção – uma dádiva divina, quase (...). (SCLIAR, 2005, p. 56-57)

O filósofo racionalista e panteísta, que foi excomungado pela Sinagoga Portuguesa de Amsterdã em 1656 por defender que Deus é, de fato, toda a natureza e não algo apartado a ela, um ser infinito e eterno, simétrico e assombroso, que abarca todas as coisas, e do qual somos efêmeras manifestações, retruca a Rafael, contrapondo os diamantes (e tudo o que simbolizam) às verdades racionais:

O único poder válido é aquele que emana da razão, mais preciosa do que qualquer diamante. A busca da verdade dá sentido à vida. E a verdade nasce do exame da realidade. É mais importante trabalhar o real do que trabalhar os diamantes. (SCLIAR, 2005, p. 58)

Ao ouvir tais observações, Rafael quase vai às lágrimas: o desprezo de seu mentor pelos diamantes significa, para ele, muito mais do que o desprezo pelo valor econômico ou pela importância estratégica das gemas – significa o desprezo por uma fé e uma noção de divindade tradicionais e muito caras a Rafael, um judeu bastante religioso. Fé, ri-

queza, deus, diamante: todas essas palavras estão, portanto, em um mesmo campo associativo ou conceitual justificado intratextualmente em “Na noite do ventre, o diamante”.

Em entrevista à jornalista Mona Dorf, o escritor mineiro Luiz Ruffato afirmou que existem os escritores que contam histórias e os escritores que escrevem histórias. Sem estabelecer qualquer julgamento de valor ou hierarquia entre esses dois tipos de autores, Ruffato explicou:

Um bom autor é aquele que consegue um equilíbrio entre forma e conteúdo. Mas, em geral, alguns tendem a valorizar mais o conteúdo (o “o quê”) e outros mais a forma (o “como”). No primeiro caso, então, temos os escritores que contam uma história (como Jorge Amado e José Lins do Rego, por exemplo) e, no segundo, autores que escrevem uma história (como Machado de Assis e Guimarães Rosa, entre outros). (DORF, 2010, p. 141)

Moacyr Scliar, sem dúvidas, pertence à primeira categoria. Ele próprio se dizia “um contador de histórias”. Portanto, para o leitor que busca maior elaboração de linguagem, que deseja experimentar transcendente enlevo estético a cada página, que anseia por mergulhar vertiginosamente na psique das personagens, vislumbrando, assim, insuspeitadas filosofias e caleidoscópicos rasgos de compreensão acerca da condição humana e de outras questões metafísicas, Scliar não será um autor de cabeça. Ele é, antes de mais nada, um autor de estilo límpido, claro, escorreito, um criativo inventor de enredos, um escritor extremamente culto, capaz de conceber tramas envolventes, conduzidas por carismáticas personagens.

NOTAS

1 Ver, entre seus trabalhos, *Tempos & Costumes* (Editora Alcance, 1998) e *Solenar* (Editora Movimento, 2005), ambos agraciados com o Prêmio Açorianos de Literatura (destaque em narrativa longa e melhor narrativa longa, respectivamente); e *Uma Leve Simetria* (Não Editora, 2009), sobre o qual Fabio Prikladnicki elaborou uma resenha, publicada em WebMosaica, v.2 n.1, 2010, p. 139-140.

REFERÊNCIAS

- BOTELHO, José Francisco. ‘Spinoza: com sua Ética, uma obra rigorosa, o filósofo judeu perscrutou a realidade e desfez algumas de nossas mais caras ilusões.’ *Revista Vida Simples*, São Paulo, n. 94, jul. 2010.
- COUTINHO, João Pereira. ‘Elogio a Moacyr Scliar.’ *Folha de São Paulo – Ilustrada*, São Paulo, 8 mar. 2011.
- DORF, Mona. *Autores e ideias*. São Paulo: Editora Benvirá, 2010.
- MORASHÁ. ‘Os Judeus e a Indústria dos Diamantes.’ *Revista Morashá*, São Paulo, n. 68, jun. 2010.
- SAND, Shlomo. ‘Como surgiu o povo judeu?’ *Le Monde Diplomatique Brasil*, São Paulo, 4 set. 2008.
- SCLIAR, Moacyr. *Na noite do ventre, o diamante*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2005.
- SILVA, José Antônio. *Scliar e a sucessão literária*. Disponível em: <<http://www.artistasgauchos.com.br/portal/?cid=498>>. Acesso em: 27 jun. 2011.
- TORÁ – A LEI DE MOISÉS. Tradução de Meir Matzliah Melamed. São Paulo: Editora Sêfer, 2001.
- UNTERMAN, Alan. *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.